

A IMPORTÂNCIA DA GESTÃO NO PLANEJAMENTO DE FLUXO DE CAIXA PARA O CONTROLE FINANCEIRO DE MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

Adriano Araújo¹

Elson Machado Teixeira²

César Licório³

ABSTRACT

Objectivity and relevance of a topic to show the importance of a tool for lifting information input and output currency, in order to obtain information needed for financial planning in the short and long term. This article addresses the issue of the importance of management in the planning of cash flows for the financial control in micro-enterprises in the construction area of trade in Porto Velho - RO, the purpose is to ascertain the degree of knowledge of managers and how implementing the statement of cash flow - DFC in this business field. In this context, searching for purpose, show the importance of DFC for financial control in a microenterprise, because the lack of mandatory tool in the company of this size, many managers do not use this important administrative control for planning and financial control of their companies. Using the methodology applied by addressing the problem in a qualitative way to understand and interpret the degree of knowledge and the application of cash flow in a microenterprise, as procedure, exploratory and explanatory. The results obtained showed that the cash flow despite its great importance, and not yet used by small entrepreneurs, showing clearly the failures of their financial control, hindering the future planning of your business.

Keywords: Financial Planning. Control. Cash Flow. Microenterprise.

RESUMO

A objetividade e a relevância de um tema para mostrar a importância de uma ferramenta para levantamento de informações de entrada e saída de moeda corrente, com a finalidade para obter informações necessárias para o planejamento financeiro de curto a longo prazo. Esse artigo aborda o tema da importância da gestão no planejamento do fluxo de caixa para o controle financeiro nas microempresas no comércio da área de construção civil na cidade de Porto Velho - RO, a finalidade é de averiguar o grau de conhecimento dos gestores e a forma que aplicam a demonstração do fluxo de caixa – DFC nesse campo empresarial. Nesse contexto, buscando por finalidade, mostrar a importância do DFC para o controle financeiro

¹Bacharelado em Ciências Contábeis pela Faculdade de Ciência e Tecnologia de Rondônia - FATEC

²Bacharelado em Ciências Contábeis pela Faculdade de Ciência e Tecnologia de Rondônia - FATEC

³ Professor em Ensino Superior, Mestre em Contabilidade Avançada. Email: clicorio@hotmail.com.



em uma microempresa, pois a não obrigatoriedade da ferramenta nas empresa desse porte, muitos dos gestores não utilizam essa importante controle administrativo para o planejamento e controle financeiro de suas empresas. Utilizando a metodologia aplicada, abordando o problema de forma qualitativa para compreender e interpretar o grau de conhecimento e a aplicação do fluxo de caixa em uma microempresa, quanto o procedimento, exploratório e explicativa. Os resultados alcançados mostrou que o fluxo de caixa apesar de sua grande relevância, ainda não e utilizado pelos microempreendedor, mostrando de forma clara, as falhas de seu controle financeiro, dificultando o planejamento futuro de sua empresa.

Palavras-chaves: Planejamento Financeiro. Controle. Fluxo de Caixa. Microempresa.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo aborda a questão da importância da gestão no planejamento do fluxo de caixa para o controle financeiro das micro e pequenas empresas, refletindo sobre o controle dos fluxos financeiros na perspectiva da gestão de caixa nas diversas situações organizacionais, visando a captação e a aplicação de recursos.

Entre as ações que correspondem ao gestor está o Planejamento. Planejar é raciocinar antes para depois de forma mais apropriada, executar a ação. Stoner (1999, p.5) explica que:

Planejar significa pensar antecipadamente em seus objetivos e ações, e que seus atos são baseados em algum método, plano ou lógica, e não em palpites. São os planos que dão às empresas seus objetivos e que definem o melhor procedimento para alcançá-los.

Nesta perspectiva, o planejamento de fluxo de caixa tem como principal objetivo dar apoio ao processo decisório exercendo papel essencial para o controle financeiro e estratégico das empresas.

Portanto, abordou-se os principais aspectos do fluxo de caixa ponderando sobre o conceito de fluxo de caixa, seus objetivos, suas vantagens e desvantagens, além das formas de Demonstração do Fluxo de Caixa (DFC) a fim de que se compreenda como funciona esta importante ferramenta de controle para tomada de decisões. Serão conceituadas as formas de DFC a fim de distingui-las, verificando suas funções e suas importâncias e conseguir discernir as adequadas as situações.

Se a gestão no planejamento de fluxo de caixa é fundamental para o controle financeiro de micro e pequenas empresas, então lançou-se a seguinte problemática: qual o grau de conhecimento e utilização do fluxo de caixa de empresas atuantes na área do comércio de construção civil de Porto Velho-RO?

Buscou-se para responder a problemática levantada para o presente artigo verificar junto às empresas do ramo da área de construção civil de Porto Velho-RO o grau de conhecimento e utilização do fluxo de caixa em suas gestões financeiras.

A questão da gestão no planejamento de fluxo de caixa para o controle financeiro de micro e pequenas empresas tem grande relevância social. Uma das razões para esta pesquisa é a necessidade de se comprovar ser essencial que as MPE's efetivem o planejamento de fluxo de caixa, visto que, as MPE's não têm a obrigatoriedade de elaborar a DFC, porém, o emprego desta ferramenta é fundamental no sentido de identificar as entradas e saídas de

moeda corrente, assim como, para se antecipar possíveis ocorrências no caixa em algum período de tempo.

Conforme Kuster e Nogcz (2003, p. 34), “a importância do fluxo de caixa para as micro e pequenas empresas se dá pelo fato de que vem a propiciar melhorias na habilidade gerencial os seus administradores”.

Sendo assim, a Demonstração do Fluxo de Caixa (DFC), para as Micro e Pequenas Empresas (MPE's), são de suma importância no processo administrativo, por se tratar de um instrumento financeiro, que consente ao administrador monitorar o movimento financeiro durante um período determinado, para servir de diagnóstico para planejamento e processo de tomada de decisões (SEBRAE, 2005).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO E PLANEJAMENTO DE GESTÃO FINANCEIRA

Ao se tratar de fluxo de caixa nas micro e pequenas empresas, será apresentado um breve histórico do surgimento das mesmas no Brasil.

Surgidas na Europa há mais de 500 anos, as MPEs (micro e pequenas empresas) com as primeiras oficinas de artesões e que se encontravam perto das regiões de intenso comércio, como feiras comerciais em um momento em que não existia um setor específico de atuação, pois produziam e comercializavam um grande variedade de produtos, tais quais roupas, ferraduras, armas, caixa (SEBRAE, 2005).

Percebe-se que há muito o comércio é uma realidade no Brasil e junto a ele, com as inovações tecnológicas, globalização e demais transformações no contexto e na realidade social, a contabilidade não poderia estar aquém, mesmo porque os homens para melhor se colocar no mercado competitivo devem estar em constante aprendizado, procurando melhor se organizar e melhor se planejar. Nesta perspectiva apresenta-se o planejamento financeiro.

Segundo Sá (2009, p.13) “o planejamento financeiro trata-se de um agrupamento de operações financeiras realizadas para alcançar um determinado objetivo”.

Observa-se que para ter uma gestão financeira eficiente é preciso ter um bom planejamento financeiro, pois a partir dele, pode-se obter o controle dos recursos financeiros.

Segundo Ross (1998, p.82):

O planejamento financeiro formaliza a maneira pelo qual os objetivos financeiros podem ser alcançados. Em visão mais sintetizada, um plano financeiro significa uma declaração do que a empresa deve realizar no futuro.

Portanto, o planejamento oferece a empresa elementos para que a mesma se antecipe e possa ter uma opção já calculada, caso precise tomar uma decisão. Entre essas decisões citam-se captação de recursos externos, tais como empréstimos.

Dentro do planejamento financeiro, apresenta-se o fluxo de caixa, que é o foco deste projeto, e sobre a qual versaremos nos próximos tópicos.

2.2 FLUXO DE CAIXA: ASPECTOS CONCEITUAIS

O entendimento de Sá (2008, p. 3) sobre fluxo de caixa, apresenta-se como uma:

Ferramenta de aferição e interpretação de variações dos saldos do disponível da empresa. É o produto final da integração do Contas a receber com as contas a pagar, de tal forma, que quando se comparam as contas recebidas com as contas pagas tem o fluxo de caixa realizado, e quando se comparam as contas a receber com as contas a pagar, tem-se o fluxo de caixa projetado.

Neto (2009) conceitua o fluxo de caixa como uma ferramenta prática de simples laboração e compreensão que comprova as operações financeiras que serão conseguidas pela empresa, provocando a tomada de decisão.

Zdanowicz (2002 p.23) afirma que “fluxo de caixa é o instrumento que relaciona o futuro conjunto de ingressos e desembolsos de recursos financeiros pela empresa em determinado período.”

Acredita-se, portanto, que a boa gestão depende da adoção do fluxo de caixa, pois através da inserção dessa ferramenta na empresa, a mesma impede situações de insolvência e outras possíveis ameaças.

Ainda conceituando o fluxo de caixa, Gitman (1997) explica que o fluxo de caixa é a principal estrutura da empresa, sem ele seria impossível saber quando há recursos satisfatórios para apoiar as operações ou quando haverá exatidão de financiamentos bancários.

Zdanowicz (2002, p. 21) por sua vez, instrui que “o fluxo de caixa é o instrumento que permite ao administrador financeiro: planejar, organizar, coordenar, dirigir e controlar os recursos financeiros de sua empresa num determinado período”.

Para Assaf Neto e Silva (1997, p.35):

O fluxo de caixa é um instrumento que relaciona os ingressos e saídas (desembolsos) de recursos monetários no âmbito de uma empresa em determinado intervalo de tempo. A partir da elaboração do Fluxo de Caixa é possível prognosticar eventuais excedentes ou escassez de caixa, determinando-se medidas saneadoras a serem tomadas.

Portanto, diante dos conceitos expostos, percebe-se que no contexto atual do mercado competitivo, é necessário que se aplique os recursos disponíveis procurando a maior eficiência possível nesse procedimento, e nessa perspectiva, o fluxo de caixa tem apresentando-se como uma ferramenta eficaz no que se propõe: auxiliar os gestores na administração de suas empresas.

2.3 FLUXO DE CAIXA: OBJETIVOS

Para que melhor compreendam-se os objetivos do fluxo de caixa, buscam-se fundamentos em alguns autores. Entre eles Santos (2001, p.57) que explica que o “fluxo de caixa é um instrumento de planejamento financeiro, que tem por objetivo fornecer estimativas da situação de caixa da empresa em determinado período”.

Zdanowicz (2000, p. 23) também apresenta outros objetivos do fluxo de caixa, abaixo descritos:

- Buscar o equilíbrio entre os fluxos de entrada e saída de recursos; saldar as obrigações incorridas dentro do prazo estabelecido;
- Prever desembolsos de caixa em volumes elevados em épocas de encaixe baixo;
- Proporcionar ao gestor financeiro uma visão estratégica da situação da empresa;
- Demonstrar em que período a empresa precisa captar recursos ou aplica-los quando existir excedente de caixa;
- Visualização do volume de vendas da empresa;
- Análise da situação de inadimplência dos clientes.

Desta feita, observa-se que o fluxo de caixa propõe ao gestor uma visão ampla dos aspectos financeiros da empresa, dando a ele maior respaldo para efetuar seus investimentos, pois essa ferramenta deixa clara a origem e o destino dos valores. Fica a critério do gestor avaliar e ponderar sobre os passos da empresa no período analisado.

Ferreira (2003, p.13) apresenta dez objetivos prioritários evidenciados no fluxo de caixa. São eles:

1. Avaliar e controlar ao longo do tempo as decisões financeiras importantes que são tomadas na administração da empresa;
2. Permitir o planejamento dos desembolsos de acordo com a disponibilidade de caixa, evitando-se o acúmulo de compromissos vultosos na mesma época;
3. Facilitar a análise as linhas de crédito a serem obtidos junto as instituições financeiras;
4. Programar os ingressos e desembolsos de caixa de forma criteriosa, permitindo determinar o período em que deverá ocorrer carência de recursos;
5. Certificar que os excessos monetários de caixa estão sendo devidamente aplicados;
6. Determinar quanto de recursos próprios à empresa dispõe em dado período;
7. Aplicar os recursos financeiros de forma mais rentável possível, bem como analisar os recursos de terceiros que satisfaçam as necessidades da empresa;
8. Projetar um plano efetivo de pagamento de débito, avaliando a capacidade de geração de caixa da empresa, se ela faz dinheiro hoje e demonstra capacidade de fazê-lo no futuro;
9. Analisar a viabilidade de serem comprometidos os recursos da empresa;
10. Participar e integrar todas as atividades da empresa, facilitando assim os controles financeiros, proporcionando o intercambio dos diversos departamentos da empresa com a área financeira, possibilitando uma visão geral da situação financeira e administrativa.

Matarazzo (1998, p. 369) contribui com a indicação dos objetivos do fluxo de caixa afirmando que os desígnios fundamentais do fluxo de caixa são:

- Avaliar alternativas de investimento;
- Avaliar e controlar ao longo do tempo as decisões importantes que são tomadas na empresa com reflexos monetários;
- Certificar que os excessos momentâneos de caixa estão sendo devidamente aplicados.

Diante das explicações de Matarazzo (1998), Zdanowicz (2000) e Santos (2001) é possível compreender que é muito importante saber administrar o fluxo de caixa, haja vista o quão útil ele pode ser para evitar, por exemplo, a falência de uma empresa. Pois o fluxo de caixa objetiva-se a maximização das aplicações dos recursos dentro da empresa, visando sempre direcionar os referidos recursos para as atividades mais lucrativas, refletindo diretamente em resultados mais positivos para a empresa.

Sendo assim, para consolidar o entendimento a respeito dos benefícios que podem ser trazidos pelo fluxo de caixa, versar-se no tópico seguinte a respeito das vantagens desta ferramenta ao administrador e a empresa conseqüentemente.

2. 4 FLUXO DE CAIXA

Sendo o fluxo de caixa uma ferramenta simples no controle gerencial, é de suma importância para a análise de controle, isso porque, com essa ferramenta é possível não somente projetar as receitas financeiras da empresa, mais também utiliza-la para decisões de investimentos futuros.

2.4.1 VANTAGENS

Para que melhor se compreenda quais as vantagens e desvantagens do Fluxo de Caixa dentro das Micro e Pequenas Empresas, utiliza-se da explicação de Zdanowicz (2007, p. 145), segundo ele entre as vantagens pode-se apontar:

- Criar condições para que os recebimentos e os pagamentos sigam critérios técnico-gerenciais e não fiscais;
- Análise e avaliação real de uma empresa, auxiliando a percepção sobre a movimentação dos recursos em um determinado período;
- Planejar pagamentos em datas corretas evitando a inadimplência;
- Ter um saldo de caixa para eventuais despesas;
- Programar aplicações depois de verificado o tempo de sobra de caixa, equilibrar entradas e saídas;
- Analisar empréstimo menos onerosos para eventual necessidade.
- Proporcionar a empresa um auto planejamento utilizando-o como base;
- Proporcionar a empresa uma visão de curto e médio prazo;
- Proporcionar a empresa um planejamento de investimentos;
- Proporcionar a empresa capacidade de tomar decisões rápidas.

4.1

4.2 2.4.2 DESVANTAGENS

Para que se possa ter uma visão mais ampla das consequências da adoção do fluxo de caixa em uma empresa, apresentam-se também as desvantagens desta adoção, conforme Zdanowicz (2007, p. 153):

- O custo adicional para se manter um profissional capacitado e com conhecimento das atividades operacionais da empresa, a falta de habilidade do administrador para coordenar a equipe a fim de serem repassadas informações com consistência e confiabilidade.
- A falta de atenção, pois basta um erro e todo o fluxo estará comprometido, falta de apoio da alta direção no planejamento e controle financeiro, distorções de valores projetados.

2.5 FLUXO DE CAIXA: FORMAS DE APRESENTAÇÃO DA DEMONSTRAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA (DFC)

Sobre a demonstração do fluxo de caixa (DFC), os usuários do setor da contabilidade, consideram-na como respeitável instrumento informacional. Nesta ordem, Garrison&Noreen (2001, p. 554)explicam-na:

A demonstração do fluxo de caixa é um instrumento analítico valioso tanto para gerentes quanto para investidores e credores, embora os gerentes sejam mais propensos a se interessar pelos demonstrativos projetados do fluxo de caixa, elaborados como parte do processo orçamentário. A demonstração do fluxo de caixa

pode ser empregada para responder a questões vitais. Ribeiro (2005a, p. 400) complementa:

Ainda sobre a demonstração do fluxo de caixa (DFC) Ribeiro (2005a, p. 400) completa, explicando que:

Para fins da DFC o conceito de Caixa engloba todas as Disponibilidades da empresa existentes nas contas: Caixa (dinheiro em poder da própria entidade); Banco conta Movimento (dinheiro da entidade em poder de estabelecimentos bancários, depositados em contas correntes) e Aplicações Financeiras de Liquidez Imediata (dinheiro da empresa investido em aplicações de altíssima liquidez). Essas três contas integram o grupo das Disponibilidades no Ativo Circulante do Balanço Patrimonial.

Há dois métodos de apresentação e elaboração do Demonstrativo de Fluxo de Caixa (DFC). São eles o método direto e o método indireto.

Existem diferenças entre eles.

Segundo Marion (2003, p.431):

O Fluxo de Caixa pelo método direto é também denominado Fluxo de Caixa no Sentido Restrito. Muitos se referem a ele como o “verdadeiro Fluxo de Caixa”, porque, (...) nele são demonstrados todos os recebimentos e pagamentos que efetivamente concorreram para a variação das disponibilidades no período. Já o Método Indireto é estruturado por meio de um procedimento semelhante ao da Doar podendo mesmo ser considerado como uma ampliação da mesma. Consiste em estender à análise dos itens não circulantes – própria daquele relatório – as alterações ocorridas nos itens circulantes (passivo e ativo circulante), excluindo, logicamente, as disponibilidades, cuja variação estamos buscando demonstrar.

Versa-se, pois, sobre os dois métodos, apresentando as diferenças, a seguir:

2.5.1 Método direto

4.3 No método direto as entradas e saídas operacionais são apresentadas de forma direta. Chinget al, (2003, p. 83) explica melhor:

No método direto, as entradas e saídas operacionais são apresentadas de forma simples e direta, sendo primeiro as entradas e depois as saídas, ou seja, a apresentação do método direto é de fácil compreensão mesmo por aqueles que têm pouco ou nenhum treinamento em contabilidade financeira. A empresa simplesmente classifica as entradas e as saídas de caixa em sua conta bancária de um período como atividades operacionais, de investimento ou de financiamento e relata o saldo como movimentação ou geração de caixa, podendo ser positiva ou negativa.

Com a DFC pelo método direto é possível visualizar e compreender melhor as transações fundamentais de entrada e saída do caixa, haja vista que o referido método projeta

o disponível em função dos orçamentos de vendas, produção e despesas operacionais, segundo confirma o modelo a seguir.

4.4 ATIVIDADES OPERACIONAIS:

- 4.5 (+) Recebimentos de clientes
- 4.6 (-) Pagamentos de fornecedores de estoques
- 4.7 (-) Pagamentos de impostos sobre vendas
- 4.8 (-) Pagamentos de despesas financeiras
- 4.9 (+) Dividendos recebidos de sociedades investidas
- 4.10 (-) Pagamentos de impostos de renda e contribuição social
- (=) Fluxo de Caixa das atividades operacionais

4.11 ATIVIDADES INVESTIMENTOS:

- 4.12 (+) Valor da venda de investimentos
- 4.13 (+) Valor da venda de ativos imobilizados
- 4.14 (-) Aquisição de investimentos
- 4.15 (-) Aquisição de ativos imobilizados
- 4.16 (-) Empréstimos concedidos
- 4.17 (+) Recebimentos de empréstimos concedidos
- 4.18 (-) Aplicação em renda fixa e renda variável
- 4.19 (+) Recebimento de aplicação em renda fixa e renda variável
- 4.20 (=) Fluxo de Caixa das atividades de investimento

4.21 ATIVIDADES DE FINANCIAMENTOS:

- 4.22 (+) Recebimentos de empréstimos e financiamentos
- 4.23 (-) Pagamentos de empréstimos e financiamentos
- 4.24 (+) Recebimentos de integralização de capital
- 4.25 (-) Dividendos pagos
- 4.26 (-) Compras de ações em tesouraria
- 4.27 (=) Fluxo de Caixa das atividades de financiamento**

Aumento / diminuição líquida de caixa

Caixa - início do período (31-12-X1)

Caixa - fim do período (31-12-X2)

O método de fluxo de caixa direto tem como sua principal importância analisar e classificar o fluxo das receitas e despesas, e também permitir a verificação de informação com base técnica.

2.5.2 Método indireto

O método indireto apresenta o fluxo de caixa das atividades operacionais de forma indireta, para se compreender melhor, elencou-se a explicação de Chinget al (2003, p. 83):

O método indireto começa com o lucro líquido do Demonstrativo de Resultados e reconcilia com o caixa líquido das operações. Os itens das linhas intermediárias – como depreciação, aumento nas contas a receber e aumento nos estoques – explicam por que o lucro difere do caixa resultante das operações. Esse é o ponto forte do método indireto. Por outro lado, esse método não demonstra os detalhes operacionais, como cobrança dos clientes e pagamento aos fornecedores, impostos e outros.

A elaboração da DFC pelo método indireto encontra-se evidenciada no modelo a seguir.

ATIVIDADES OPERACIONAIS:

Lucro Líquido do período:

Aumento (diminuição) dos itens que não afetam o caixa:

- (+) Depreciação e amortização
- (+) Amortização de ágio
- (+) Variações monetárias líquidas devedoras
- (+/-) Resultado de equivalência patrimonial
- (+) Dividendos recebidos de sociedades investidas
- (-) Lucro na venda de investimentos
- (-) Lucro na venda de ativos mobilizados
- (-) Aumento de contas a receber de cliente
- (-) Aumento dos estoques
- (+) Aumento de fornecedores de estoques
- (+) Aumento de contas a pagar

- (+) Aumento de impostos sobre vendas
- (+) Aumento de impostos sobre lucro
- (-) Aumento de despesas antecipadas
- (=) Fluxo de Caixa das atividades operacionais

ATIVIDADES INVESTIMENTOS:

- (+) Valor da venda de investimentos
- (+) Valor da venda de ativos imobilizados
- (-) Aquisição de investimentos
- (-) Aquisição de ativos imobilizados
- (-) Empréstimos concedidos
- (+) Recebimentos de empréstimos concedidos
- (-) Aplicação em renda fixa e renda variável
- (+) Recebimento de aplicação em renda fixa e renda variável
- (=) Fluxo de Caixa das atividades de investimento

ATIVIDADES DE FINANCIAMENTOS:

- (+) Recebimentos de empréstimos e financiamentos
- (-) Pagamentos de empréstimos e financiamentos
- (+) Recebimentos de integralização de capital
- (-) Dividendos pagos
- (-) Compras de ações em tesouraria
- (=) Fluxo de Caixa das atividades de financiamento

Aumento / diminuição líquido de caixa

Caixa - início do período (31-12-X1)

Caixa - fim do período (31-12-X2)

O fluxo de caixa do método indireto, nos mostra de forma clara e objetiva o desempenho da empresa em gerar receitas financeiras suficiente para arcar com suas despesas, investimentos e pró-labore dos acionistas.

Em relação aos métodos apresentados, deve-se ser observada a sua adequada adequação as necessidades da empresa e a conveniência para as aspirações de seus usuários.

4 ANALISE DE RESULTADO

Conforme se verificou junto as microempresa do ramo da área de construção civil de Porto Velho - RO realizada em junho de 2016, demonstra que gestor possui conhecimento da demonstração de fluxo de caixa – DFC, no entanto, há não obrigatoriedade da elaboração o DFC, a administração pouco utilizam essa ferramenta na empresa, alegando a não necessidade de manter um profissional capacitado para elaboração dessa ferramenta administrativa, mas quando elaboradas as vantagens dos dados levantados eram perceptíveis.

O gestor trabalha no cargo da há mais de 7 anos sendo a empresa de natureza comercial e serviços do ramo da construção civil.

Conforme os dados levantados pela pesquisa percebemos que grau de conhecimento do gestor e relevante pois ele reconhece a importância da gestão do planejamento de fluxo de caixa para controle financeiro das micro e pequenas empresas, mostrando a facilidade de analisar e gerar importantes informações para a tomada de decisão com mais clareza, fornecendo uma administração simples e alimentando diariamente.

Questionamos o gestor da empresa o porquê da não utilização o DFC mesmo sabendo da sua importância para verificação da situação administrativa de sua empresa, o mesmo mencionou que o custo e desnecessária, pois as microempresas não e obrigatória a gerar o fluxo de caixa.

5 CONCLUSÃO

A elaboração do presente artigo junto a micro empresa do ramo do comercio de construção civil da cidade de Porto Velho-RO, mostrou através da análise de resultado, que o gestor obtém o conhecimento da importância do DFC, porém não se é utilizado.

A finalidade desse artigo e demonstrar o grau de conhecimento e utilização do fluxo de caixa, sendo esse de grande importância para o planejamento e controle financeiro para administração de uma microempresa.

A importância no controle de entrada e saídas aplicando o DFC facilita o monitoramento das receitas e despesas, que tem por finalidade obter informações auxiliando o administrador realizar o planejamento da administração, e sem aplicação do fluxo de caixa, claramente vemos a dificuldade que o gestor em administrar seu empreendimento, os mesmo também alegam que não elaboram o DFC na microempresa por não serem obrigatórias, alegando que seja um custo desnecessários para sua administração. O êxito de crescimento de uma empresa se baseia na capacidade de pagar suas despesas em dias e priorizar suas receitas operacionais superiores aos seus custos operacionais, com a falta da elaboração desta ferramenta, o planejamento e controles da administração nas microempresas dificultam as tomadas de decisões para o crescimento de seu empreendimento.

Sem o DFC e impossível estimar a liquidez da empresa, fazer o levantamento dos dados lançados e registrados de entrada e saída, as informações necessárias que permite o planejamento da administração para obter o controle dos recursos monetários ficam vagos, dificultando o crescimento e a durabilidade nesse ramo comercial. Com o fluxo de caixa aplicado na administração das empresas, o gestor conseguiu realizar a previsão de recebimentos e pagamento, planejando de uma forma segura às operações futuras de suas operações financeiras.

REFERÊNCIAS

- ASSAF NETO, Alexandre. **Estrutura e análise de balanços: um enfoque econômico financeiro**. 7ª ed. São Paulo. Atlas, 2002.
- BARRETO, Alcyrus Vieira Pinto; HONORATO, Cezar de Freitas. **Manual de sobrevivência na selva acadêmica**. Rio de Janeiro: Objeto Direto, 1998.
- CHING, Hong Y; MARQUES, Fernando; PRADO, Lucilene. **Contabilidade & Finanças**. São Paulo. Prentice Hall, 2003.
- FERREIRA, Neide de Souza. **A importância da gestão do fluxo de caixa no processo decisório das empresas**. João Pessoa: Artigo científico, 2003.
- GITMAN, Lawrence J. **Princípios da administração financeira**. São Paulo: Habra, 1997.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GARRISON, Ray H; NOREEN, Eric W. **Contabilidade gerencial**. 9ª ed. Rio de Janeiro. LTC, 2001.
- SANTOS, Rodrigo Mendes dos. **As comissões de conciliação prévia como meio alternativo à jurisdição estatal para a solução dos conflitos trabalhistas**. 2002 15 f. Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Direito, Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, SC.
- STONER, James A. F.; FREEMAN, R. Edward. **Administração**. 5 ed. Rio de Janeiro: Prentice Hall do Brasil, 1999.
- KUSTER, Edison; NOGACZ, Nilson Danny. **Administração financeira. Finanças empresariais**. Gazeta do Povo. Curitiba - PR: FAE Business School, n. 4, 2002.
- MARION, José Carlos. **Contabilidade empresarial**. 10 ed. São Paulo; Atlas, 2003.
- MATARAZZO, Dante C. **Análise financeira de balanços: abordagem básica e gerencial**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- NETO, Alexandre Assaf: **Finanças Corporativas e valor**. 4 Ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- ROSS, Stephen A.; WERTERFIELD, Randolph W.; JORDAM, Bradford D., **Princípios de administração financeira**; tradução Antônio Zoratto Sanvicente.– São Paulo: Atlas, 1998.
- SÁ, Carlos Alexandre. **Fluxo de caixa. A visão da Tesouraria e da Controladoria**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- SANTO, Edno O. **Administração financeira da pequena e média empresa**. São Paulo: Atlas, 2001.

SEBRAE - **Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas**. Guia do empreendedor: Fluxo de Caixa/Custos na Pequena Indústria. Disponível em http://www.sebrae.com.br/br/npublish/guia_empendedor.asp. Acessado em: 20.10.2015.

ZDANOWICZ, J. E. **Fluxo de caixa: uma decisão de planejamento e controle financeiros**. 9ªed. Porto Alegre. Sagra Luzzato, 2002.

_____. Manual de finanças para cooperativas e demais sociedades - Porto Alegre: Dora Luzzatto, 2007